

O ESTUDO DA DIVERSIDADE ÉTNICO RACIAL NAS TURMAS DE EJA DA ESCOLA ESTADUAL FILOMENA DE AZEVEDO

Salviana Oliveira Forte (1); Bárbara Campos Gines Lorena de Souza (1); José Roberto Oliveira dos Santos (4)

(Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, salvianaof@gmail.com, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, ginesbarbara@hotmail.com, e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, jose.santos@ifrn.edu.br.)

RESUMO

Neste artigo, analisamos as práticas pedagógicas de professores na modalidade de ensino da Educação de Jovens e Adultos (EJA), tendo como objetivo entender como (se) reflexões sobre a diversidade étnico racial acontecem nas turmas de EJA da Escola Estadual Filomena de Azevedo (RN). Como também, entender as contribuições da formação inicial e continuada para que o tema da diversidade étnico racial fosse trabalhado nas aulas de EJA. Trabalhamos na perspectiva de uma pesquisa descritiva de natureza qualitativa, a partir da aplicação de um questionário, com os professores da EJA, formado por 11 perguntas divididas entre abertas e fechadas. Para o processo de discussão acerca dos resultados utilizamos como referencial teórico Lima (2006), Silva e Silva (2010), Brunel (2004), Machado (2008), as diretrizes nacionais curriculares, entre outros. Concluímos que dos 10 entrevistados, 3 trabalham a diversidade étnico racial e 7 afirmam não terem estudado esse tema durante a formação inicial e continuada e que essa falta de acesso a essas reflexões contribui para a não apresentação do tema em sala de aula.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, Diversidade étnico racial, Formação inicial e continuada.

INTRODUÇÃO

Sabemos que reflexões sobre a diversidade étnico racial e o desenvolvimento do tema na prática pedagógica, são ações efetivas que visam garantir o respeito e a valorização da diversidade cultural e inclusão dos sujeitos. Se estes forem os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) essas discussões são de extrema necessidade, tendo em vista a diversidade dos sujeitos que a compõem.

Pensava-se a EJA como uma modalidade de ensino muito mais para adultos que para jovens, porém, hoje temos uma heterogeneidade nos grupos ainda mais acentuada, segundo Brunel (2014) o rejuvenescimento da população que frequenta a EJA é um fato que vem progressivamente ocupando a atenção de educadores e pesquisadores na área da educação. Tendo em vista que o número de adolescentes nesta modalidade de ensino cresce a cada ano, modificando o cotidiano escolar e as relações que se estabelecem entre os sujeitos que ocupam este espaço.

O estudo que deu origem a essa pesquisa também aponta essa heterogeneidade nos grupos da EJA. A primeira pesquisa de campo que fizemos como alunos da pós-graduação em

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

nível de Especialização em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA, que aconteceu nas seguintes etapas: escolha de uma escola que ofertasse a EJA ou o PROEJA e aplicação de um questionário a fim de conhecer o perfil desses alunos, tabulação e estudo dos dados fazendo uma ponte com as disciplinas do primeiro módulo da especialização (concepções e princípios do PROEJA, diversidade cultural e inclusão social e processos cognitivos e culturais da aprendizagem dos jovens e adultos), por fim a apresentação da pesquisa para os professores e colegas do curso. Para a realização da pesquisa escolhemos a Escola Estadual Filomena de Azevedo (EEFA), situada na cidade de Santo Antônio, município do interior do estado do Rio Grande do Norte (RN) por sermos professores da EJA nessa instituição e sentirmos a necessidade de conhecer o nosso público para entendermos as especificidades e sabermos lidar com elas nas nossas aulas de forma positiva.

Após a aplicação dos questionários de 16 perguntas todas com respostas de múltiplas escolhas, percebemos essa heterogeneidade em diversos aspectos, nas duas turmas de 1º ano EJA da escola, na qual atuávamos como professores, por exemplo: trabalhamos em uma mesma turma com alunos de 18 a 58 anos, são sujeitos que viveram em épocas escolares diferentes, que tem experiências de vidas diferentes; outro aspecto é o social, temos desde alunos que não trabalham e são sustentados pelos pais, a alunos que trabalham mais de 10 horas por dia, porém o aspecto que mais nos intrigou e motivou essa pesquisa foi o étnico racial.

A terceira pergunta do questionário que tinha como objetivo conhecer o perfil dos alunos da EJA da EEFA nos mostrou que, de um total de 25 entrevistados, 48% se considera pardo, enquanto que 36% se considera branco e 16% se considera negro, porém, era perceptível durante as aulas uma predominância de mais da metade da turma sendo de alunos negros, alguns deles oriundos da comunidade quilombola da Cajazeiras, distrito pertencente a cidade de Santo Antônio, mas de acordo com a pesquisa nenhum aluno se considerou quilombola, alguns relataram nas vivências escolares, que inclusive sentem vergonha por serem dessa comunidade e de serem conhecidos na cidade como “os negrinhos da Cajazeiras”.

Após 15 anos da Lei Nº 10.639 de 2003 que torna obrigatório no ensino fundamental e médio o estudo sobre História e Cultura Afro-Brasileira e 10 anos da Lei Nº 11.645 de 2008 que torna obrigatório nos mesmos níveis de ensino da lei anterior o estudo de História e Cultura Indígena, na qual ambas devem ser estudadas no âmbito de todo o currículo escolar,

em especial nas áreas de educação artísticas e de literatura e histórias brasileiras, ainda verificamos a dificuldade de alunos para se identificarem como negros e/ou quilombolas. Por notar esse não pertencimento por parte dos alunos a um determinado grupo étnico racial, levantamos o seguinte questionamento: o que esses alunos entendem por diversidade étnico racial? Decidimos buscar a resposta para essa pergunta, mas não a fizemos a eles (pode ser uma questão para uma próxima pesquisa), fizemos aos seus professores, para primeiro entendermos que reflexões étnico raciais esses alunos são convidados a conhecer durante as aulas.

Portanto, temos como objetivo na nossa pesquisa atual entender como (se) essas reflexões acontecem na prática e para saber decidimos entrevistar o maior número possível de professores da EJA da EEFA a fim de conhecer as práticas pedagógicas que abordam a diversidade étnico racial na escola. Como também entender as contribuições da formação inicial e continuada para que o tema da diversidade étnico racial fosse trabalhado nas aulas de EJA.

Escolhemos o tema da diversidade étnico racial na escola, por acreditarmos que como educadores devemos atuar na construção de uma escola e um currículo voltado ao combate de práticas de racismo, e ao estudarmos e refletirmos sobre esse tema em sala de aula construiremos relações pautadas no reconhecimento das diferenças e no respeito pelo outro.

METODOLOGIA

Apresentamos nesta seção, a descrição dos procedimentos metodológicos utilizados neste trabalho com o objetivo de expor os caminhos que serão percorridos não só no levantamento dos dados do estudo como também na forma de fazê-lo. Os dados pesquisados, segundo o método adotado e em articulação ao referencial teórico, pretendem dar algumas explicitações com o intuito de responder ao problema de pesquisa.

Com base em nossos objetivos trabalhamos na perspectiva de uma pesquisa descritiva de natureza qualitativa. Segundo Gil (2002), pesquisas dessa natureza tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população e uma das características mais significativa dessa pesquisa está na utilização de técnicas padronizadas de coletas de dados, tais como o questionário. Já em relação a sua natureza qualitativa se dá porque na nossa pesquisa analisaremos qualitativamente questionários realizados com professores da EJA da EEFA.

No nosso trabalho descrevemos as práticas pedagógicas envolvendo reflexões étnico raciais dos professores para entender como (se) essas reflexões acontecem.

Para a coleta desses dados foi aplicado um questionário com perguntas abertas e fechadas com 10 professores da EJA, sendo 5 mulheres e 5 homens, de um total de 11 professores do quadro, o professor que não respondeu estava de atestado médico nos dias da aplicação, que aconteceu de 14 a 25 de maio de 2018.

O questionário que utilizamos foi dividido em dois blocos, na qual o primeiro bloco, composto de 5 perguntas, teve como objetivo conhecer o perfil dos professores e identificar a área de atuação na EJA, já o segundo bloco, composto por 6 perguntas, teve como objetivo identificar por parte dos professores o entendimento sobre diversidade étnico racial, bem como se a sua formação acadêmica contribuiu para esse entendimento, se ele é levado para sala de aula e de qual forma é apresentado.

A identidade dos professores entrevistados será preservada e ao utilizamos os dados fornecidos por eles, seus nomes serão substituídos pela sigla P, referente a professor e um número de 1 a 10, referente a ordem das entrevistas, por exemplo: o primeiro entrevistado será P1, o segundo P2 e assim sucessivamente.

A pesquisa foi desenvolvida na Escola Estadual Filomena de Azevedo (EEFA) que está localizada na rua Dr. Pedro Velho, nº 152, no município de Santo Antônio, interior do estado do RN. A escola é mantida pelo Governo do Estado e administrada pela Secretaria do Estado de Educação e Cultura (SEEC). A EEFA foi inaugurada em 26 de março de 1977 e completou 40 anos de atividade em 2017.

Atualmente a escola conta com aproximadamente 1.000 alunos de Ensino Médio distribuídos nos turnos matutino, vespertino e noturno. As atuais modalidades em atividade na escola são: Pro-médio Semi-Integral, Ensino Médio Diferenciado e Educação de Jovens e Adultos (EJA- Ensino Médio).

No primeiro semestre letivo de 2018, a EEFA contou com três turmas de EJA, ambas oferecidas no turno noturno, 1º A, 1º B e 3º A. Para lecionar nessas turmas, a escola dispõe de 11 professores, 6 homens e 5 mulheres, distribuídos nas seguintes disciplinas: Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Filosofia, Sociologia, Educação Física, História, Geografia, Matemática, Química, Física e Biologia.

O quadro de professores estava incompleto, pois Artes e Língua Espanhola não foram lecionadas no primeiro semestre. Dos 11 professores do quadro, 10 foram entrevistados e todos possuem licenciatura, mas não necessariamente na área em que atuam na EJA e 6 desses professores são pós-graduados, lato sensu ou stricto sensu. Nenhuma das pós-graduações está diretamente ligada à Educação de Jovens e Adultos.

Perguntamos aos professores há quanto tempo eles atuam na EJA e apenas um atua a menos de seis meses, dois atuam a 1 ano, três atuam a 2 anos e os demais atuam a mais de 5 anos. Na grande maioria, são professores que já estão familiarizados com a EJA devido o tempo que trabalham nessa modalidade de ensino.

Após apresentarmos a caracterização da escola e dos professores entrevistados, vamos conhecer como se dá o estudo da diversidade étnico racial nas turmas de EJA, segundo a fala dos professores.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao iniciar uma conversa sobre diversidade na Educação de Jovens e Adultos, faz-se necessário entendê-la como uma construção histórica, cultura e social das diferenças. Segundo a pesquisadora Elvira de Souza Lima (2006)

a diversidade é norma da espécie humana: seres humanos são diversos em suas experiências culturais, são únicos em suas personalidades e são também diversos em suas formas de perceber o mundo. Seres humanos apresentam, ainda, diversidade biológica (...) Como toda forma de diversidade é hoje recebida na escola, há a demanda óbvia, por um currículo que atenda a essa universalidade. (LIMA, 2006, p.17)

Tomando como base o conceito de diversidade de Lima (2006) é imprescindível no contexto escolar um trabalho pedagógico que contemple aspectos sociais, étnico raciais, de gênero e muitos outros, a fim de tornar a escola um espaço democrático e os alunos aptos a conviverem com a diversidade para além dos muros da escola.

É importante entendermos o conceito de diversidade e a sua abrangência, como também o porquê da expressão étnico racial. Cabe mencionar aqui que a palavra raça não se refere ao conceito biológico de raças humanas, amplamente rechaçado pelos conhecimentos científicos aceitos nos dias de hoje. O termo raça, após ser ressignificado pelo Movimento Negro, passa a ser utilizado com um sentido político e de valorização do legado deixado pelos africanos. E o emprego do termo étnico, na expressão étnico racial, serve para marcar que essas relações tensas devidas a diferenças na cor da pele e traços fisionômicos o são também devido à raiz cultural plantada na ancestralidade africana, que difere em visão de mundo, valores e princípios das de origem indígena, europeia e asiática. (BRASIL, 2004, p.13-14).

Sendo assim, raça e etnia são expressões que se fundem no contexto social brasileiro, tendo em vista que os termos são carregados de significações e podem determinar o pensamento, a atitude e a forma de ser e pensar o mundo e as nuances que o cercam.

É inegável que se vive um momento importante para o combate à discriminação racial; fala-se sobre e discutem-se cada vez mais abertamente as tensas relações étnico-raciais vividas no Brasil, são leis, pareceres, diretrizes e muita luta dos ativistas para que o preconceito étnico racial tenha um fim no nosso país.

A educação das relações étnico-raciais refere-se a processos educativos que possibilitem às pessoas superar preconceitos raciais, que as estimulem a viver práticas sociais livres de discriminação e contribuam para que elas compreendam e se engajem em lutas por equidade social entre os distintos grupos étnico-raciais que formam a nação brasileira. Segundo os pesquisadores Douglas da Silva e Petronilha Silva (2010)

A escola não é a única instituição responsável pela educação das relações étnico-raciais, uma vez que o processo de se educar ocorre também na família, nos grupos culturais, nas comunidades, no convívio social proporcionado pelos meios de comunicação, entre outros. É importante ressaltar que a escola é um ambiente privilegiado para a promoção de relações étnico-raciais positivas em virtude da marcante diversidade em seu interior. (SILVA e SILVA, 2010, p. 710)

Ao falar da marcante diversidade na escola incluímos os sujeitos que compõe a EJA, nessas turmas é possível identificar diferenças de vários tipos e para descobrir se há sintonia entre a escola regular e as necessidades e especificidades dos alunos da modalidade EJA, fizemos a primeira pergunta do segundo bloco do questionário, aos professores entrevistados: Qual o seu entendimento sobre diversidade étnico racial?

ENTREVISTADOS	RESPOSTAS
P1	A diversidade étnica racial é consequência da multiplicidade dos modos de vida que o ser humano, o indivíduo, cria ao viver em sociedade. Dessa forma, manifesta-se na língua, tradições, rituais, costumes, formas artísticas, normas, valores, religiosidade.
P2	Entendo que a diversidade étnica racial diz respeito às influências de vários grupos sociais na construção da sociedade e da cultura brasileira e acredito que compreendê-la é um passo essencial na diminuição do racismo, do preconceito, desigualdades e das intolerâncias.
P3	Não respondeu.
P4	É a nossa sociedade, diversa e desigual.
P5	Diferentes grupos de pessoas, com culturas e descendências variadas.
P6	É o conjunto de atributos sociais, culturais e biológicos que caracterizam os indivíduos presentes na sociedade.
P7	Entendi que os seres humanos são diversos tanto na cor da pele e nos aspectos físicos, quanto em suas experiências culturais e em seu modo de perceber o mundo.
P8	Etnia é um termo biológico utilizado para se referir as variadas características observadas na espécie humana.
P9	Mesmo que 60% da população brasileira se declarem negra, mesmo assim há a valorização étnico racial branca.

(83) 3322.3222

P10	Ser consciente da pluralidade de raças e do respeito a que têm direito.
-----	---

Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

De acordo com as respostas de P1 e P2 podemos perceber que ambos os professores entendem a diversidade étnico racial atrelada as vivências sociais dos sujeitos, manifestada não apenas na cor da pele, mas sim, na ancestralidade de rituais, costumes, entre outros, bem como entende-se que compreender essa diversidade é um passo essencial para a diminuição do racismo no nosso país. A resposta dos demais professores vai de encontro às respostas citadas anteriormente, porém de forma mais sucinta, com exceção de P8 que entende etnia apenas como uma questão biológica e P3 que não respondeu a essa pergunta.

Sabemos que a história, as culturas afro-brasileiras e indígenas foram determinadas por leis como conteúdos obrigatórios nas escolas, mas para serem discutidas nas escolas pelos professores, esses temas devem ser trabalhados durante os cursos de formação inicial dos professores, e para verificar a recorrência dessas reflexões, fizemos a segunda pergunta do segundo bloco do questionário: Durante a sua formação acadêmica (inicial e continuada) foram abordadas reflexões sobre diversidade étnico racial? Exemplifique.

ENTREVISTADOS	RESPOSTAS
P1	Não.
P2	Sim. Essa temática é central no curso da ciências sociais, principalmente na área da antropologia. Dentro desta subárea estudamos sobre os significados dos termos raça (que já está em desuso) e o conceito de etnicidade dentro da temática culturais, além disso, estudamos também o papel dos diversos povos na construção da sociedade brasileira, a questão da mestiçagem das teorias do branqueamento e por fim a interação do negro nas sociedades de classes.
P3	Não.
P4	Não.
P5	Não. Embora, a própria história da matemática demonstre isto.
P6	Só no curso de pedagogia, na disciplina de EJA.
P7	Sim. Em história da educação, mas de uma forma superficial. Nenhum estudo mais aprofundado foi feito neste sentido.
P8	Não.
P9	Pouco. Na UFRN no curso de química o tema era outro, como iniciação científica.
P10	Sim. Muitas questões sociais eram discutidas durante as aulas.

Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

Apenas 3 professores afirmaram que durante as suas formações acadêmicas essa temática foi discutida não apenas de forma superficial, foram eles: P2, P6 e P10, porém P2 foi o único que exemplificou essas reflexões. Ao verificar a quantidade de professores que afirmaram não terem sido abordadas reflexões sobre diversidade étnico racial durante as suas formações acadêmicas nos faz refletir sobre como ensinar para os alunos uma temática que

nunca foi discutida academicamente por eles? De acordo com Maria Margarida Machado (2008)

O descompasso entre a formação do professor e a realidade dos alunos na EJA causou (e tem causado, ainda) situações de difícil solução: como lidar com alunos que chegam cansados, a ponto de dormir durante quase toda aula? Como auxiliar os alunos no seu processo de aprendizagem, com atendimento extra ou atividades complementares, se uma grande parte deles trabalha mais de oito horas diárias, inclusive no final de semana? Como atender as diferenças de interesse geracional, tendo na mesma sala adolescentes e idosos? Como administrar, no processo ensino-aprendizagem, as constantes ausências, em sua maioria justificadas por questões de trabalho, família e doença? Por outro lado, como o professor deve proceder para reconhecer e validar os conhecimentos prévios que os alunos da EJA já trazem? Como trabalhar Formação de professores para EJA: uma perspectiva de mudança de forma interdisciplinar se as disciplinas continuam sendo “gavetas” isoladas e com tempo mínimo para algumas áreas de conhecimento? Como o professor, a coordenação da escola e os representantes das secretarias podem ousar na proposição de atendimento diferenciado, que modifique a dinâmica da escola, seja com alternativas de matrícula aberta, avanços progressivos, organização curricular de base paritária, tempo presencial e atividades complementares? (MACHADO, 2008, p.165-166).

Portanto, precisamos pensar em estratégias de formação continuada para os professores docentes já graduados, que atuam na EJA, nas redes públicas de ensino, já que as suas formações iniciais não contemplaram essa modalidade de forma a subsidiar todos os questionamentos levantados pelo nosso trabalho até o momento, bem como por Machado (2008), que essa formação seja no nível de aperfeiçoamento, na perspectiva da pós-graduação *latu sensu* e/ou *stricto sensu*.

Damos continuidade à pesquisa com a terceira pergunta do segundo bloco do questionário: Nas suas práticas pedagógicas nas turmas de EJA você trabalha a diversidade étnico racial com os alunos? Exemplifique.

ENTREVISTADOS	RESPOSTAS
P1	Muito pouco, porque minha formação acadêmica foi direcionada para os teóricos e seus aspectos conceituais, somado ao fato de serem, em sua maioria, europeus. Por isso, as aulas tratam do tema sem a profundidade que necessita.
P2	Sim. Principalmente quando estudamos a temática cultura: Temas como diversidade étnica e cultural brasileira, racismo e desigualdades entre negros e brancos no mercado de trabalho.
P3	Nunca trabalhei.
P4	Sim. Conteúdos relacionados a África e a história no Brasil e também as nações sem estado, os conflitos mundiais (Curdos, Tibetanos...)
P5	Não. Mas, ao contar a história do aparecimento das fórmulas matemáticas, surgem os diversos grupos étnicos (Gregos, Europeus, Árabes, Indianos) criadores das mesmas.

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br
www.cintedi.com.br

P6	Não de forma direta e direcionada.
P7	Não nestes termos, embora procure mostra-lhes que todos nós devemos respeitar nossos semelhantes para que também sejamos respeitados, já que somos seres diferentes tanto no aspecto físico quanto em nossas vivências culturais e em nossa visão de mundo.
P8	Não.
P9	Infelizmente não. Sou um professor muito agitado e dinâmico lecionando química, física e matemática, que esse tema não discuto.
P10	Sim. Alguns textos retratam essa questão buscando-se a valorização das raças.

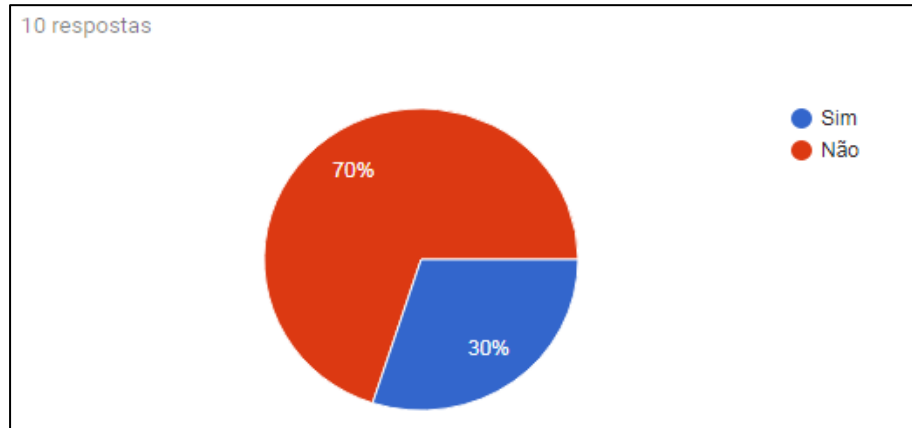
Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

Seis professores (P1, P3, P5, P6, P8 e P9) que responderam que não foram contemplados com reflexões sobre diversidade étnico racial nas suas formações, responderam que não trabalham a temática com os alunos. Apenas P4 que não teve contribuições da academia para essas reflexões trabalha o tema com seus alunos de forma contextualizada. P2 e P10 que foram os professores que afirmaram que reflexões sobre essa temática foram levantadas durante os seus cursos de formação inicial e continuada também trabalham essa temática com os alunos. Vemos que o tema para esses professores tem bastante relevância e é trabalhado a partir do uso de gêneros textuais.

Em seguida fizemos a quarta pergunta do segundo bloco do questionário: A sua formação acadêmica contribuiu para que o tema da diversidade étnico racial fosse trabalhado nas suas aulas? Exemplifique.

Seis professores afirmaram que não e um deles novamente fez relação apenas a biologia. Os professores que responderam positivamente à pergunta, P2 e P10, não só estudaram sobre diversidade étnico racial como se aprofundaram no tema e buscam levá-los para sala de aula. P3 apesar de afirmar positivamente, não trabalha a temática com os alunos e sabemos que essa não é a realidade apenas da EEFA, muitos professores para completar a renda pegam turmas além da sua carga horária inicial, não conseguindo trabalhar além dos conteúdos gramaticais com essas turmas ‘extras’.

Você já presenciou alguma atitude racista, por parte dos alunos, em alguma turma da EJA? Essa foi a quinta pergunta do segundo bloco do questionário e em resposta a essa pergunta apresentamos o gráfico abaixo.



Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

Responderam positivamente um total de 30% dos professores entrevistados. Apesar da maioria dos professores não terem presenciado atitudes racistas por parte dos alunos, o número que presenciou já é considerável. Devemos nos atentar, que muitos alunos não cometem racismo na frente da maioria dos professores com medo de punição, então, na realidade, se fôssemos analisar por parte da fala dos alunos, essa porcentagem seria bem maior.

E a nossa última pergunta foi: Você concorda que trabalhar temáticas de identidade e visibilidade de minorias de grupos como Quilombolas, Indígenas, Ciganos, dentre outros, diminuiria as ocorrências de atitudes racistas nas aulas da EJA? P1 e P2 afirmaram já terem presenciado atitudes racistas por partes dos alunos da EJA e para diminuir as ocorrências elas acreditam que é preciso trabalhar temáticas de identidade e visibilidade de minorias de grupos. P1 em resposta a última pergunta: Concordo, porque o racismo está diretamente ligado ao desconhecimento e a omissão continua que o povo brasileiro, em sua maioria, faz das suas próprias origens culturais. P2 respondeu

Sim. Principalmente com aquelas expressões do senso comum que acabam reproduzindo atitudes racistas que muitas vezes são naturalizadas no vocabulário das pessoas. Além de atitudes racistas em relação as religiões afro. Termos que desvalorizam e inferiorizam os rituais dessas religiões ainda são muito comuns entre os alunos quando estudamos diversidade religiosa. Sim. Concordo. Trabalhar essas temáticas contribui para uma conscientização sobre a necessidade de se reconhecer a importância da contribuição dos diversos povos na sociedade brasileira. Além disso, debater esse tema pode ser um caminho muito importante para combater as diversas formas de intolerâncias que estão presentes na nossa sociedade dentre elas, a religiosa e a racial. Dessa forma, através do conhecimento, da valorização e da conscientização acredito que seja possível sim diminuir a ocorrência de atitudes racistas em sala de aula e na vida em sociedade em geral. (Dados da pesquisa, 2018).

Para P1 e P2 a diversidade étnico racial precisa ser estudada para que a formação dos nossos alunos contemple a construção de relações sociais positivas e o engajamento em lutas por eliminação de quaisquer formas de desigualdade social e de discriminação. A resposta dos demais professores foi apenas sim.

Após a análise de todas as respostas, levantamos o seguinte questionamento: os professores que respondem apenas sim ou não a questões tão relevantes, que envolvem o conhecimento da diversidade étnico racial, o pertencimento dos alunos a determinado grupo, entre outros, têm consciência de que a escola é o único espaço para que essas discussões aconteçam para a maioria dos alunos? E não só de temas que envolvem a diversidade étnico racial, mas falando de diversidade como um todo. Precisamos parar para refletir a nossa prática profissional, porque se temos como objetivo formar cidadãos, é imprescindível que esses sujeitos tenham conhecimento de que as suas características e escolhas, seja ele, branco, preto, índio, quilombola, heterossexual, gay, lésbica, bi, gordo, magro, alto, baixo, precisam ser respeitadas em todos os níveis sociais e já que é na escola que a diversidade do sujeito é apontada por outro como ruim, é nesse mesmo ambiente que ambos os sujeitos precisam ter o entendimento e o respeito pela diversidade, que é uma característica inerente ao ser humano.

CONCLUSÕES

De um total de 10 professores das turmas de EJA da EEFA entrevistados, verificamos que 3 trabalham reflexões étnico raciais, mesmo estando presente na escola, inclusive na sala de aula da EJA, casos de discriminação racial. As reflexões, segundo os docentes, acontecem de forma direta, na qual esse é o tema da aula, trabalhado na maioria das vezes a partir de textos; e de forma indireta, sendo contextualizado o tema a partir de conteúdos diversos, como o estudo da criação de fórmulas matemáticas a partir de grupos étnicos, entre outros.

Dos três professores que trabalham as reflexões étnico raciais com os alunos da EJA, dois afirmam que a formação inicial e continuada contribuiu para que eles trabalhassem a temática com os alunos. Com os dados obtidos com a nossa pesquisa podemos concluir que o fato dessa temática não ter sido trabalhada durante a formação acadêmica da maioria dos professores está diretamente ligado à sua pouca aparição nas aulas.

Por meio da análise empreendida, esperamos contribuir para o fomento do debate e da pesquisa sobre o papel do ensino da diversidade étnico racial na escola na formação de cidadãos. Essa formação deve contemplar a construção de relações sociais positivas e o engajamento em lutas por eliminação de quaisquer formas de desigualdade social e de discriminação.

Após finalizar a pesquisa, agora não só acreditarmos que como educadores devemos atuar na construção de uma escola e um currículo voltado ao combate de práticas de racismo, temos embasamento para reafirmar essa declaração. As reflexões sobre esse tema em sala de aula são responsáveis pela construção de relações pautadas no reconhecimento das diferenças e no respeito pelo outro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africanas**. Brasília: Secad/MEC, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Parecer CNE/CEB 11/2000, de 10 de maio de 2000. **Diretrizes curriculares nacionais para educação de jovens e adultos**. Brasília: MEC, 2006.

BRASIL. **Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003**. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BRASIL. **Lei 11.645 de 10 de Março de 2008**. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BRUNEL, Carmen. **Jovens cada vez mais jovens na educação de jovens e adultos / Carmen Brunel**. _ Porto Alegre: Mediação, 2004.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LIMA, Elvira de Souza. Currículo e desenvolvimento humano. In: MOREIRA, Antônio Flávio e ARROYO, Miguel. **Indagações sobre currículo**. Brasília: Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental, nov. 2006, p.11-47.

MACHADO, Maria Margarida. **Formação de professores para EJA: Uma perspectiva de mudança**. In: REVISTA RETRATOS DA ESCOLA, Brasília, v. 2, p. 161-174, 2008.

SILVA, D. V. C. SILVA, P. B. G. e. **Cidadania, Relações Étnicorraciais e Educação: Desafios e Potencialidades do Ensino de Ciências**. Educação e Pesquisa (USP. Impresso), v. 36, p. 705-718, 2010.